

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Bahia Hoje		
Data		
14-11-94		
Caderno	Página	
1	2	
Seção		
Assunto		
Centro Histórico Pelourinho		

Projeto futurista pro Pelô

IVONE PINTO

A inauguração das primeiras etapas da recuperação do Centro Histórico, no final de 1992, durou mais que um Verão. Durante meses, diversos *shows* aconteceram nas praças do Pelourinho, então transformado na maior atração turística do Estado. Até a Orquestra Sinfônica de Moscou apareceu por lá, atraindo multidões. Apesar do desconforto das ladeiras no aperto das grandes platéias, era - e continua sendo - chique frequentar o Pelô.

O monta e desmonta de pesadas estruturas de madeira, palcos dos espetáculos, passou a interferir permanentemente na paisagem local, enfeando o conjunto arquitetônico e causando danos ao calçamento das ruas de pedras. Esse lado ruim da festa não passou despercebido para uma equipe do Mestrado de Arquitetura e Urbanismo da UFBA, que, capitaneada pelo professor Pasqualino Magnavita, sugeriu a construção de um *palco-gaveta*, que "fechava" e "abria" para cada *show*.

Considerado fantástico à época, quase um ano depois de apresentado à sociedade, o projeto está *engavetado*. A Fundação Gregório de Matos chegou a patrocinar



IDÉIA FORMIDÁVEL

A idéia dos arquitetos é simples. No terreno baldio defronte à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos se constrói um prédio de dois andares. Nos dias de *show*, o segundo andar se projeta para a frente, transformando-se num grande palco vazado de 200 metros quadrados, com visão dos dois lados. Acabado o espetáculo, o sistema hidráulico de movimentação permite "fechar" o palco, que vira, então, sala de ensaios. A quatro metros de altura, suspensa no ar, a estrutura metálica não prejudica o tráfego de veículos.

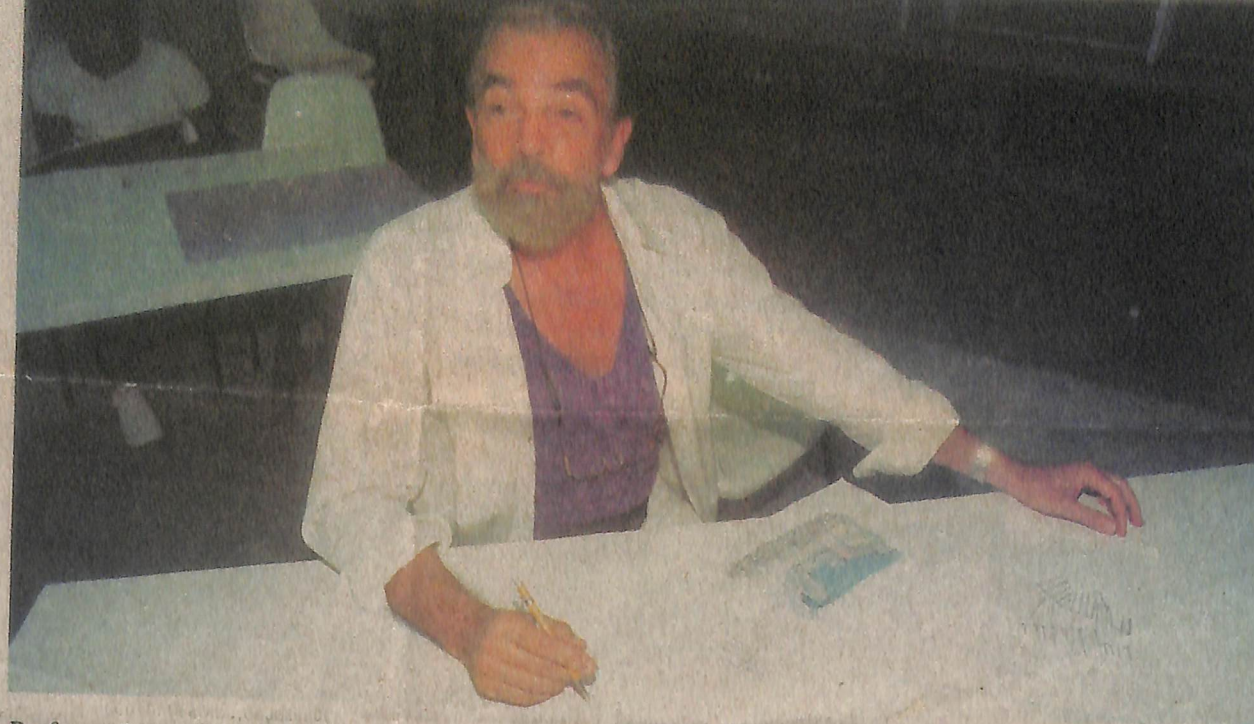
O primeiro andar surge como espaço cultural polivalente, destinado a lançamentos de livros, seminários, palestras, mostra de vídeo e exposições. O subsolo abriga banheiros públicos. Como o terreno tem cerca de 500 metros quadrados, atrás do prédio principal aparece outro, de quatro andares, para as instalações de conforto, como camarins dos artistas e cantina.

Se a construção do *palco-gaveta* dependesse da aprovação da diretora-geral do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), já estaria pronto. Vera Vilar se "arrepia" cada vez que vai ao Pelourinho e se depara com um daqueles "monstregos desproporcionais", que encobrem o casario. "Sempre me pergunto cadê o projeto de Pasqualino, que considero uma idéia formidável", revela.

Outro simpatizante é o arquiteto Fernando Peixoto, que desenhou os prédios coloridos do Cidadella (Avenida ACM) e

pelo professor Pasqualino Magnavita, sugeriu a construção de um *palco-gaveta*, que "fechava" e "abria" para cada *show*.

Considerado fantástico à época, quase um ano depois de apresentado à sociedade, o projeto está *engavetado*. A Fundação Gregório de Matos chegou a patrocinar a elaboração do projeto técnico de execução dos estudos preliminares apresentados pela equipe do Mestrado. A Secretaria Estadual de Planejamento, responsável pela reforma do Centro Histórico, ficou de analisar as possibilidades de realização da obra, mas não deu respostas até hoje. Em final de governo, é pouco provável que se pronuncie sobre o assunto.



Professor Pasqualino Magnavita à espera de quem queira financiar sua obra que promete "fechar" no Pelô

do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), já estaria pronto. Vera Vilar se "arrepia" cada vez que vai ao Pelourinho e se depara com um daqueles "monstros desproporcionais", que encobrem o casario. "Sempre me pergunto cadê o projeto de Pasqualino, que considero uma idéia formidável", revela.

Outro simpatizante é o arquiteto Fernando Peixoto, que desenhou os prédios coloridos do Cidadella (Avenida ACM) e modificou definitivamente a paisagem de Salvador, e embora não conheça detalhes do projeto-do palco, caracteriza-o como uma "idéia boa e original".

De acordo com Pasqualino Magnavita a execução total do projeto custaria entre R\$ 400 mil e R\$ 500 mil. O preço da montagem e desmontagem de um palco móvel, desses usados hoje em dia, varia de R\$ 25 mil a R\$ 50 mil. A obra poderia se pagar através do aluguel do espaço.